

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE PEDAGOGIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE PEDAGOGIA

Alfabetização de Jovens e Adultos: dificuldades de aprendizagem

JOSSILANGE CECILIA DE OLIVEIRA

CAMPINA GRANDE-PB

JOSSILANGE CECILIA DE OLIVEIRA

Alfabetização de Jovens e Adultos: dificuldades de aprendizagem

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação de Pedagogia
da Unidade Acadêmica de Educação da
Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito parcial à obtenção do título
de Licenciada em Pedagogia, sob a
orientação do Professor Dr. Dorgival
Gonçalves Fernandes.

CAJAZEIRAS/PB

2010



- 0482a Oliveira, Jossilange Cecília de.
Alfabetização de jovens e adultos: dificuldades de aprendizagem / Jossilange Cecília de Oliveira. - Cajazeiras, 2010.
41f.
- Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2010.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.
1. Educação de jovens e adultos. 2. Alfabetização. 3. Cidadania. I. Fernandes, Dorgival. Gonçalves. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 374.7

JOSSILANGE CECILIA DE OLIVEIRA

Alfabetização de Jovens e Adultos: dificuldades de aprendizagem

Apresentação em __/__/__

Professor Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes

CAJAZEIRAS-PB
2010

DEDICATÓRIA

Dedico em primeiro lugar a Deus por ter me dado forças para não desistir mesmo diante de todas as dificuldades enfrentadas.

Aos meus Pais, Joelson e Solange e todos os familiares e amigos que de forma direta ou indireta contribuíram no meu processo de formação.

AGRADECIMENTOS

As minhas grandes amigas do coração, Ângela Gonzaga, Simone Pereira e Yara Ricardo, sem elas seriam muito mais difícil ter chegado até aqui.

Em especial ao meu mestre Dorgival pela paciência e disponibilidade na orientação desta monografia.

A Zildene e aos meus mestres por contribuírem para minha formação intelectual, pessoal e profissional.

**“A capacidade de aventurar-se aprender,
não é apenas para nos adaptar, mas,
sobretudo para transformar a realidade”.**

Paulo Freire.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

RESUMO

Este estudo sobre a educação de jovens e adultos objetivou analisar os principais problemas apresentados no processo de alfabetização de jovens e adultos, principalmente sobre as dificuldades dos alunos da EJA. A pesquisa foi realizada com os alunos do 1º segmento da educação de jovens e adultos da modalidade EJA da E.M.E.I.E.F. Crispim Coelho. Neste sentido, a pesquisa revelou os problemas enfrentados pelos alunos e o modo como esses trabalham, juntamente com a sua professora, para superá-los, desenvolvendo caminhos possíveis para lidar com a sua aprendizagem da leitura e da escrita. Como suportes teóricos nos valeram do pensamento de alguns autores que tratam do assunto, tais como: Paulo Freire, Afonso Celso Scocuglia, Cláudia Lemos, Jane Paiva, Paulo Ghiraldelli Júnior, entre outros que nos ajudaram na investigação, apontando caminhos teóricos e metodológicos na compreensão e na investigação sobre a Educação de Jovens e Adultos. Os resultados apontam que os alunos têm um sentido positivo sobre a sua escolarização, pois essa lhes possibilita resolver questões do seu dia-a-dia e ajuda na conquista de uma condição de cidadania no mundo.

Palavras-Chave- Alfabetização, Educação de Jovens e Adultos, Cidadania.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 1. A Trajetória Histórica Da Educação De Jovens e Adultos..... | 13 |
| 2. Oprimidos e excluídos: identidade dos sujeitos da educação de jovens e adultos..... | 20 |
| 2.1 A visão de mundo e o processo de aprendizagem dos alunos da EJA..... | 22 |
| 2.2 A escola como espaço de transformação social..... | 25 |
| 3. O Caminho Metodológico..... | 26 |
| 3.1 Caracterização da Escola..... | 29 |
| 3.2 Análise dos questionários aplicados aos alunos..... | 30 |
| Considerações finais..... | 36 |
| Referências Bibliográficas..... | 38 |
| APÊNDICE A..... | 40 |

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea tem demonstrado interesses relevantes acerca dos problemas educacionais. Tais interesses se fundamentam nos problemas que a educação brasileira tem vivenciado ao longo da sua história, cujo contexto tem sido marcado por um modelo político elitista, que tem deixado parcelas da população com déficit de escolaridade.

Neste sentido, considerando-se a complexidade do mundo atual, a vida daqueles que não tem instrução escolar sistematizada tem se tornado muito difícil, haja vista que jovens e adultos não alfabetizados e escolarizados tornam-se excluídos do mercado de trabalho, que está mais exigente e seletivo.

Assim, além de ser necessário saber ler e escrever, o mercado de trabalho tem exigido diversos e diferentes níveis de ensino e aprendizagem que possibilitam ao indivíduo escolarizado sua inclusão no mercado de trabalho, tornando-se capaz de desenvolver seus conhecimentos e competências exigidas em função das exigências do mundo moderno.

É necessário ressaltar, todavia, que parte considerável dessa demanda de conhecimentos deve ser trabalhada efetivamente na escola, oportunizando aos discentes aprendizagens significativas que ao longo de sua carreira como ser social e profissional, irá conduzir e traçar caminhos inerentes as condições econômicas, sociais e culturais, oportunizando as suas escolhas nos vários segmentos sociais.

Desse modo, os discentes que não observam de modo amplo o meio em que vive, e que não sabem aperfeiçoar os seus conhecimentos no seu cotidiano, têm dificuldades para se sobressair em situações vivenciadas no seu dia-a-dia. Situações tais como: ir ao banco, fazer compras, operar máquinas, etc. Sendo assim, dependem de outras pessoas para solucionar diversos problemas e realizar atividades, que se tornam um empecilho para os sujeitos analfabetos.

Sabendo deste quadro presente no cotidiano das escolas e da educação, tenho despertado interesses para o estudo acerca do problema do analfabetismo a partir de experiências já vivenciadas como educadora em sala de alfabetização de jovens e adultos, mas também como aluna do curso de pedagogia da UFCG. Nesta perspectiva, nos dispomos a desenvolver esta pesquisa, procurando compreender as dificuldades de aprendizagem dos alfabetizando Jovens e Adultos

A partir de tais interesses, tenho procurado um maior envolvimento com o tema abordado, procurando respaldar-me nos conceitos científicos elaborados por autores que têm se dedicado ao estudo deste tema. Assim, entendemos ser possível compreender as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula de Educação de Jovens e Adultos (EJA), sabendo que essa modalidade de educação tem necessitado de melhor apoio e melhores condições para a realização de uma prática que subsidiará a vida dos sujeitos nos espaços sociais do seu cotidiano.

Para realizarmos a pesquisa, utilizamos referências bibliográficas que trouxeram um embasamento teórico para subsidiar um melhor aprimoramento da pesquisa, e, sobretudo tomar contato com conhecimentos relevantes para um trabalho qualificado sobre a EJA. Entre os autores estudados podemos destacar: Fernandes (2002), Paiva e Oliveira (2009), Vovio e Ireland (2008), entre outros.

A presente pesquisa foi realizada na escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Crispim Coelho, em uma sala de 1ª ao 4ª ano do 1º segmento da Educação de Jovens e Adultos, no turno da noite, na cidade de Cajazeiras- PB.

O objetivo geral do trabalho é analisar as dificuldades dos alunos em relação à alfabetização na Educação de Jovens e Adultos. Para alcançar tal objetivo, elegemos os seguintes objetivos específicos: identificar como os alunos da educação de Jovens e Adultos compreendem a alfabetização; conhecer que leitura de mundo os alunos da Educação de Jovens e Adultos trazem consigo, observar quais são as metodologias desenvolvidas nas práticas pedagógicas da Educação de Jovens e Adultos.

Para a realização do estudo, iniciamos com observações realizadas na escola citada, através das visitas e conversas colhidas na escola. Em seguida foram feitas aplicações de questionários com os educandos de 1ª ao 4ª ano do 1º segmento e educadores da instituição, acerca da temática em questão. No segundo momento, paralelamente conduzimos a análise dos dados colhidos referenciada com a fundamentação teórica, na intenção de termos uma melhor compreensão e conhecimento acerca do fenômeno estudado.

A organização da monografia segue a seguinte estrutura:

No capítulo I, procuramos fazer um resgate da trajetória histórica da educação de Jovens e adultos em que descrevemos as políticas e práticas educacionais no campo da EJA nos diversos períodos históricos da educação, retratando as demandas e exigências educacionais desta modalidade, enfocando as características da educação em cada década, mostrando como era desenvolvida a escolaridade dos jovens e adultos.

Já no capítulo II, mostramos a identidade dos sujeitos desta modalidade, como são vistos pela sociedade e como conduzem a sua aprendizagem acerca do seu conhecimento. Um dos pontos abordados também diz respeito ao que a escola oferece como condições para a condução da alfabetização desses jovens e adultos, proporcionando a aquisição de novos saberes.

Dando continuidade ao estudo, encontram-se a análise dos dados, feita através dos dados coletados por meio dos questionários, das observações e visitas à escola que juntos formam a metodologia da pesquisa.

Por último, apresentamos as nossas considerações finais acerca do estudo realizado. Interessa-nos afirmar que as análises presentes neste estudo não se constituem como conclusões finais acerca do tema estudado, mas apenas apontam nossas compreensões do que sejam as melhores condições para a realização do trabalho pedagógico na modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

Neste sentido, tal estudo nos trouxe diferentes subsídios para construir saberes e refletir sobre outros questionamentos que sejam apresentados e submetidos à pesquisas

posteriores que possam auxiliar na promoção de melhorias significantes os processos de ensino-aprendizagem na EJA, despertando e possibilitando aos sujeitos dessa modalidade o prazer e o conhecimento acerca de uma alfabetização democrática que favorecerá uma melhor condição de vida.

1. A Trajetória Histórica da Educação de Jovens e Adultos.

O Contexto educacional brasileiro nos tem apresentado ao longo do século diferentes condições acerca do acesso ao conhecimento escolar para as camadas populares. Tais diferenças têm dificultado a democratização do saber e conduzido os indivíduos dessas camadas a uma educação marginalizada e socialmente excludente.

Para compreendermos a trajetória histórica da educação de jovens e adultos no Brasil e refletirmos sobre o conceito de educação dado a essa modalidade de ensino, se faz necessário termos conhecimentos sobre o contexto histórico da EJA nos períodos colonial, imperial e republicano, vigente até os dias atuais.

É importante destacar que durante a época do colonialismo, a educação era comandada pelos jesuítas, sendo que a instrução era baseada na formação da personalidade do indivíduo de acordo com o que pregava a Igreja Católica. Desta forma, o ensino era voltado para os princípios religiosos na qual se priorizava a formação moral e os ensinamentos para uma vida cristã. Nesse período, a escolarização era privilégio da elite colonizadora e ao povo era destinada a catequese.

No período imperial havia uma tímida intenção no que diz respeito à escolarização das camadas populares, incluindo aí os jovens e os adultos. Essa “intenção” se objetivava nas condições sociais, principalmente no final desse período, quando tem início um pequeno processo de industrialização e o desenvolvimento do cenário sócio-econômico eram voltados para o comércio. Essa situação passa a demandar a escolaridade de parte das camadas populares, porém essa exigência não atendia as demandas do povo devido à ideologia dos governantes, que priorizavam a escolaridade para os que tinham o poder, ou seja, a elite.

Vale salientar que a partir da constituição Imperial de 1824 passamos a ter a garantia legal da instrução primária a todos os cidadãos. Entretanto essa lei não

vigorou efetivamente, pois houve apenas uma discussão de como inserir as camadas populares no ensino formal. Infelizmente tal garantia legal não obteve êxito quanto à inclusão de todos os cidadãos no processo de alfabetização.

No início do período republicano houve a difusão de idéias que produziram debates em torno da alfabetização de Jovens e Adultos, com o objetivo de atender as necessidades do desenvolvimento do país, que precisava de pessoas letradas para atuar no setor fabril.

Com o objetivo de implantar o ensino primário integral gratuito e obrigatório aos adultos, foi criado em 1934 o Plano Nacional de Educação. Este plano foi o primeiro da história da educação brasileira, na qual visava prioridades específicas para a educação de jovens e adultos.

A década de 1940 foi um período em que houve uma intensa mobilização em prol da educação de jovens e adultos. Sendo assim, em 1942 foi criado o fundo Nacional de Ensino Primário, cujo objetivo era a criação e ampliação de programas voltados para o ensino supletivo para Jovens e Adultos. Desde então foram criados programas, leis e campanhas que tinham a finalidade de orientar, reorientar e coordenar a estrutura, organização e ampliação da educação de jovens e adultos.

Essas experiências produziram discussões acerca da discriminação às pessoas analfabetas que eram definidas como indivíduos incompletos, improdutivos, dependentes e incapazes de pensar. Tais discussões suscitaram uma nova visão acerca do analfabetismo, da alfabetização e das pessoas analfabetas. Todavia, tais experiências foram efetivadas sempre na perspectiva de escolarizar os jovens e adultos para se adaptarem ao sistema social e se prepararem para o mercado de trabalho

As idéias e proposições sobre EJA, nessa perspectiva, duraram até o fim da década de 1950 e início da década de 1960, favorecendo e contribuindo para uma educação de massa, ampliando o leque de oportunidade para que muitos indivíduos tivessem acesso à escolarização, atendendo as necessidades de pessoas que não tiveram acesso a uma instrução escolar sistemática.

Na década de 60 o conceito da alfabetização difundiu-se de diferentes movimentos, discussões e pesquisas diante dos acontecimentos políticos, econômicos e sociais da época, cujas iniciativas tinham o objetivo de alfabetizar para uma nova consciência política, construindo assim uma nova ideologia política para a melhoria das condições de vida das camadas populares. De acordo com Torres, citada por Fernandes,

“Alfabetização de adultos contribui para o desenvolvimento econômico, enquanto mecanismo privilegiado para aumentar os contatos com as sociedades modernas, desorganizar as culturas tradicionais consideradas elementos de atraso, e permitir o desenvolvimento da heterogeneidade social com a adoção de inovações.” (2002, p. 30)

A criação da LDB de 1961 regulamenta toda a estrutura do sistema educacional brasileiro, gerando assim, neste momento, pesquisas no meio social realizada pelo Instituto de Estudos Pedagógicos e discussões acerca de práticas pedagógicas e condições de vida sociais, promovendo propostas educacionais acerca da educação básica para a educação de adolescentes e adultos. Segundo Fávero,

No calor dos debates relativos à elaboração da primeira Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, promulgada em 1961, e no momento mais forte do desenvolvimento nacionalista, foram explicitadas novas funções para a educação brasileira. De um lado, como fruto das pesquisas sociológicas realizadas pelo então Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), das críticas desses sociólogos-educadores ao próprio conceito de desenvolvimento assumido pelo governo federal do qual decorria a preparação de recursos humanos como função primordial da educação. (2009, p.12).

Nos anos 1960 aconteceram muitas discussões, críticas e proposições acerca da Educação no Brasil, criando um momento que nos oportunizou diferentes benefícios para a cultura e a educação popular. Como exemplo, temos o surgimento do MEB, fruto da mobilização de uma das alas da Igreja Católica acerca do desenvolvimento da alfabetização nas regiões brasileiras, primordialmente na região nordeste, oportunizando escolaridade para as classes mais pobres.

Nesta mesma década aconteceu o nascimento do Movimento de Cultura Popular (MCP) sendo um dos avanços relevantes no campo da EJA. Este movimento realizou e discutiu propostas que atendeu a crianças e aos adultos da classe pobre, cujo objetivo era voltado para a construção do conhecimento contextualizado com a vida social dos indivíduos.

E assim, com a união entre movimentos e estudos que foram elaborados na Universidade do Recife, aflorou o Sistema Paulo Freire de Alfabetização de Jovens e Adultos, cujo objetivo era voltado à alfabetização de jovens e adultos, a partir do qual se instituiu, através de estudos e experiências, diferentes conceitos de alfabetização. Conceitos esses que aboliam a cartilha, passando assim a adotar um novo modelo de alfabetização, recuperando a cultura popular e descentralizando a ação educativa.

O MCP, outra experiências-matriz do início dos anos 1960, realiza a proposta de atendimento educacional, tanto para a criança quanto para os adultos, estreitamente ligada às necessidades da população pobre, recuperando a cultura como elemento fundamental de compreensão e transformação da realidade. (FÁVERO, 2009, p.15)

Dessa maneira, foi neste espaço de tempo que veio crescendo as idéias de Paulo Freire, um grande mestre no que diz respeito à alfabetização de adultos e que tem nas suas idéias e estudos o trabalho, a liberdade, a democracia e o crescimento intelectual do ser humano, através de suas críticas a respeito da chamada educação bancária, fazendo do seu conhecimento uma ponte para gerar o conhecimento do outro, o educando, através de uma educação voltada para a crítica da realidade social dos alunos aprendizes. Conforme Ghiraldelli Junior,

O ideário freireano insistia na idéia de que todo ato educativo é um ato político e que o “educador humanista revolucionário”, ombreados com os oprimidos, deveria colocar sua ação político-pedagógica a serviço da transformação da sociedade e da “criação do homem novo”. Essa educação ao contrário da “educação bancária” deveria problematizar as situações vividas pelos educandos, promovendo a passagem da “consciência ingênua para a “consciência crítica”. (2006, p.109)

Constituindo assim uma pedagogia para a libertação dos oprimidos e opressores, Freire conduziu o seu trabalho como educador, lutando com o povo a caminho dos direitos à cidadania, sendo reprimido pelo golpe militar em 1964. Segundo Ribeiro,

O paradigma pedagógico que se construiu nessa prática baseava-se num novo entendimento da relação entre a problemática educacional e a problemática social. Antes apontado como causa da pobreza e da marginalização, o analfabetismo passou a ser interpretado como efeito da situação de pobreza gerada por uma estrutura social não igualitária. (1997, p. 23)

As propostas educativas de Paulo Freire para a educação de Jovens e adultos estão vinculadas a um cenário educacional que visa à abrangência de uma alfabetização em favor da emancipação política. Neste sentido, a relevância de alfabetizar se revelou como um ato político, que trouxe benefícios para a conscientização política dos trabalhadores.

Com o golpe militar em março de 1964 e a instalação da ditadura militar no Brasil a EJA assume outro rumo e nesse caso, um dos momentos da história da EJA que foi de suma importância para a alfabetização, foi o surgimento do Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL, em 1967. Diferentemente dos fins e conceitos de alfabetização de jovens e adultos criados pelo MEB, MCP e Paulo Freire, o MOBRAL objetivava alfabetizar para a passividade e acomodação à realidade política da ditadura e preparar para o mercado de trabalho. Neste mesmo sentido, o ensino supletivo, fundamentado na Lei 5692/71, Lei de diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, propunha a escolarização em menor tempo, oferecendo a modalidade de ensino para aqueles indivíduos que não concluíram os estudos na idade de própria.

Desta forma, a metodologia do ensino supletivo utilizava-se de recursos com o rádio, televisão e outros meios de comunicação em que os alunos tinham acesso. O Mobral se estendeu por quase 20 anos, sendo extinto em 1985.

Com o fim do MOBRAL, nasceu para a educação de jovens e adultos a Fundação Educar, criada a partir de 1986 e vigorou até 1990. Esta fundação, organizada no âmbito

do governo federal, propunha recursos, com apoio de municípios e movimentos populares para que estes empreendessem a escolarização de jovens e adultos.

Em 1990, é criado o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania, pelo ministro da educação no governo Collor de Melo, com o objetivo de reduzir em até 70% o número de analfabetos até 1995.

A constituição de 1988 e a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº. 9.394/96 instituíram uma nova realidade educacional constituída como campo de luta a favor dos direitos dos cidadãos, favorecendo a modalidade da educação de jovens e adultos. Assim, o âmbito educacional desse paradigma de ensino é pautado nas características de uma luta de igualdade de oportunidade educacionais, semelhantes a outros países, em que a Educação de Jovens e Adultos é igualitária, ou seja, é aberta á todos os indivíduos, sem nenhum tipo de distinção. De acordo com Paiva,

No âmbito internacional, a declaração de educação Básica para Todos, crianças, jovens e adultos, de Jometien, na Tailândia, 1990, é o primeiro marco seguindo da V Confinteia, em 1997, em Hamburgo, Alemanha, firmando a Declaração de Hamburgo e a Agenda para o Futuro e reconhecendo dois aspectos fundamentais com que as nações, principalmente as mais pobres, conviviam: a maciça existência de jovens na modalidade de jovens e adultos, o que já fazia com fosse designada como educação de jovens e adultos nesses países; e reconhecimento de que essa educação atuava/podia atuar alterando as construções sociais e as esferas dos direitos das populações, se pensada pelo sentido de aprender por toda a vida. (2009, p.23)

Nos anos 90 surgiram movimentos e discussões no âmbito internacional acerca da educação que repercutiram no Brasil, possibilitando conceitos distintos sobre a educação de massa. De um lado assegura-se o direito e a prioridade a todos os indivíduos à educação básica, independente da idade. Por outro lado, entende-se por educação continuada aquela em que se aprende por toda a vida, independente de uma educação formal prévia.

Nessa última década investimentos foram construídos para a constituição de um novo lugar público, uma nova concepção por parte do governo para a educação,

incluindo a EJA. Neste sentido podemos citar a criação, em 2007, do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB), cumprindo relevante papel para o desenvolvimento das modalidades da educação básica. Outros eventos contando com a iniciativa privada e estatal foram desenvolvidos, apresentando novos projetos e programas para confirmar a EJA como prioridade na formação contínua do cidadão. Conforme Paiva,

Programas e projetos, em certas condições e diferentes graus de controle, fizeram “institucionalmente” a parceria sociedade civil e estado. Alguns podem ser citados, eleitos pela abrangência e aporte de recursos que carregaram: Alfabetização Solidária Movimento de Alfabetização para Jovens e Adultos (Mova), Telecurso 2000, Programa Nacional de Alfabetização na Reforma Agrária (PRONERA), etc. (PAIVA, 2009,p.26)

Desde 2003, as políticas públicas estatais e municipais relacionadas à educação têm se empenhado na criação de projetos e discussões para construir mudanças no cenário da EJA, buscando respostas para entender as particularidades dos sujeitos que compõem a EJA. Sendo assim, estados e municípios estão engajados no desenvolvimento de projetos relacionados às políticas públicas da EJA, construindo uma nova realidade educacional para a formação de jovens e adultos tendo por base princípios que objetivam a emancipação e a autonomia dos cidadãos brasileiros.

2. Oprimidos e excluídos: identidade dos sujeitos da educação de jovens e adultos

No contexto educacional contemporâneo, os conhecimentos dos jovens e adultos não escolarizados têm características marcantes, própria de culturas divergentes. Neste sentido, cabe à escola como condutora de processos de sistematização dos conhecimentos sociais apreender e valorizar os conhecimentos dos sujeitos aprendizes para a resolução de problemas situados no seu cotidiano.

A sala de aula da EJA que é formada por alunos que estão à busca de um saber instantâneo para suprir as necessidades do dia-a-dia, como ler recibos, fazer suas compras, escrever seus próprios bilhetes para se comunicar com pessoas à distância e até mesmo os fiéis, para a leitura da Bíblia, deve ser organizada com o fim de atender as inúmeras necessidades dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos. A esse respeito Galvão faz a seguinte afirmação:

Considero fundamental conhecer as práticas de leitura - não só as que cumprem um papel informativo e utilitário, mas também aquelas que provocam prazer - que os alunos experimentam cotidianamente, sobretudo fora da escola. Pode ser que eles não gostem de ler a parte de política do jornal, mas se deleitem com as de esporte ou policial (2008, p.280)

Assim, os sujeitos da educação de jovens e adultos buscam viabilizar seu conhecimento para a satisfação das suas necessidades sociais e cotidianas. Sendo essas necessidades prioridades para sua própria sobrevivência, buscam adquirir conhecimentos que estão vinculados aos direitos e deveres do cidadão.

Para tanto, a educação escolar adquirida pelos Jovens e Adultos deve contribuir para suprir suas necessidades instantâneas e, sobretudo, para prepará-los para a qualificação do trabalho, formando uma mão de obra capaz de suprir as lacunas de um conhecimento assistemático, em função da realização de um trabalho eficaz.

Desse modo, a Educação de Jovens e Adultos apresenta-se no cenário nacional como necessidade histórica em que oportuniza a aprendizagem de conhecimento para os Jovens e Adultos, garantindo uma formação sistematizada. Assim, a EJA cumpre o que reza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, no seu artigo 37: “a educação de jovens e adultos será destinada aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudo no ensino fundamental e médio na idade própria” (BRASIL, 1996).

Conforme o que fundamenta a legislação máxima educacional, este direito é adquirido pelo respeito à dignidade humana, legitimada por uma demanda legal. Esse direito a muitos foi negado, quer seja na sua infância, na sua adolescência, seja pela oferta irregular de vagas, pelas condições precárias do próprio sistema de ensino ou por outras características que vem sendo apresentadas através da história da educação brasileira. Isto nos faz repensar sobre as necessidades dos educandos dessa modalidade de ensino.

Neste sentido percebemos que os alunos da EJA não são conscientes da divisão de classes sociais e que a educação poderá mudar o rumo da posição social que ocupam na sociedade. Além disso, os educandos não são convictos de que as relações de poder podem interferir no seu futuro.

Nem de leve desconfia que vive numa sociedade de classes cujas relações interferem significativamente nos destinos individuais. Que pertence à classe socialmente privilegiadas dá uma vantagem inicial na ocupação de posições que dificilmente é superada pelo o estudo e a escolarização (CARLOS BARRETO, 2008, p.63)

Com essa identificação, os sujeitos que se conduzem e se deixem conduzir nessa alienação de ser parte desse poder monopolizado do conhecimento, limitando-se aos padrões propostos pelos opressores que regularizam o poder e limitam o acesso ao conhecimento precisam mudar de atitude. Para tanto, o ideal é oferecer uma educação para os jovens e adultos que liberta e desvenda o sentido do conhecimento, interagindo, assim, na ação humana, propondo um conhecimento crítico que dará sentido a esses sujeitos na condução da sua vida social de modo autônomo.

Então hoje é preciso buscar formas e meios para amenizar essa opressão, encarando criticamente o passado, no sentido de oferecer a essa modalidade de ensino

de jovens e adultos e aos milhares de brasileiros que necessitam de uma formação escolarizada, uma educação de qualidade social, que possa encantar esses jovens e adultos não-escolarizados com a descoberta do aprender. Segundo Freire

Alfabetização é mais que um simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Com efeito, ela é o domínio dessas técnicas em termos consciente. É entender o que se entende o que se ler e escreve o que se entende. É comunica-se graficamente. É uma incorporação. Implica uma memorização visual e mecânica de sentenças, de palavras, de sílabas, desgarradas de um universo existencial- coisas mortas ou semimortas- mas uma atitude de criação e recriação. (1999, p.119)

A perspectiva de uma educação voltada para a liberdade de pensamento nos faz refletir sobre uma série de características e condições inerentes à vida social, econômica e cultural dos sujeitos da EJA. Neste caso, o sentido de educar ultrapassa o visível e chega ao imaginário, ao perceber e notar as formas diferentes e aparentes, conhecendo assim a sua realidade concreta, o fruto de um sistema capitalista.

Sendo assim, o interesse em sistematizar a educação de Jovens e adultos não deve se configurar apenas na necessidade e exigência do mercado de trabalho em capacitar pessoas qualificadas para exercer uma amplitude de atividade profissional, mas sim, formar sujeitos críticos com autonomia de pensamento a partir da aquisição de um conhecimento sistematizado.

Por esse motivo coloca-se a emergência de uma reflexão em torno da educação de jovem e adulto que traga uma nova concepção de ensino e aprendizagem direcionada ao contexto histórico vivenciado pela sociedade.

2.1 A visão de mundo e o processo de aprendizagem dos alunos da EJA

A escola como condutora de processos de aquisição de conhecimentos deve direcionar os sujeitos aprendizes para a resolução de problemas situados e vivenciados no seu cotidiano. Conforme Oliveira,

Considerando as singularidades das conexões que cada um estabelece, em função de suas experiências e saberes anteriores, não faz sentido pressupor um trajeto único e obrigatório para todos os sujeitos em seus processos de aprendizagem. Esse entendimento traz novas exigências àqueles que pretendem formular propostas curriculares que possam romper o formalismo e incorporar os saberes, valores, crenças e experiências de todos como fios presentes nas redes dos grupos sociais, das escolas e classes, dos professores e dos alunos e, portanto, relevantes para a ação pedagógica. (2008, p.239)

Sendo assim, esses conhecimentos não são aplicados verbalmente e não são registrados através de gráficos possibilitando o entendimento a outros interessados na sua capacidade de assumir suas práticas como agente de uma sociedade capitalista.

Dessa forma o conhecimento dos sujeitos da educação de jovens e adultos ultrapassa a natureza do conhecer e entender, para a necessidade de saber fazer para sobreviver. Assim, esses conhecimentos por serem práticos são expressos em uma linguagem coloquial, onde adquirimos o conhecimento por meio da história e da cultura que já conhecemos para que possamos aprender novos caminhos. Segundo Freire

Um dos objetivos principais da transformação da escola é ligá-la à vida, ligá-la à comunidade onde se encontra ao bairro. Ligar a escola ao trabalho produtivo, em especial ao trabalho agrícola, aproximá-la das organizações de massa. (2003, p. 69)

É nessa perspectiva de interagir com o meio em que o aluno da educação de jovens e adultos está inserido, que o sentido de alfabetizar ultrapassa as decodificações de símbolos alfabéticos, mostrando o conhecimento da realidade que aflora o pensar sobre as condições do aprender a partir das palavras e da realidade cotidiana da vida de cada um.

Sendo assim, a pedagogia freireana se preocupou muito com essas questões educativas e alfabetizadoras do homem, mostrando que só haveria aprendizagem quando o conhecimento fosse gerido de dentro para fora, ou seja, considerando o contexto onde o sujeito aprendente estaria atuando. Conforme Barreto,

A alfabetização, na perspectiva de Paulo Freire, não é entendida como uma memorização de ba- be -bi- bo- bu e nem como uma transferência de conhecimento que tem como objeto a ser conhecido a língua escrita, a alfabetização é um processo de busca e tentativas de revolução, portanto, nunca uma recepção passiva (1998, p. 81)

Com certeza o pensamento de Freire vai ao encontro de uma cultura que interage com o saber humano e com os conhecimentos práticos retratados no dia-a-dia de cada sujeito, compondo assim uma realidade que enriquece o saber cultural e os fazeres diversificados em que o saber de um enriquece o saber do outro. Neste sentido, para a história da educação de jovens e adultos,

A grande generosidade está em lutar para que, cada vez mais, estas mãos, sejam de homens ou povos, se estendam menos, em gestos de súplica de humildade a poderosos. E se vão cada vez mais, mãos humanas, que trabalhem e transforme o mundo. (1997, p. 31)

O que nos tem deixado perplexos neste contexto, é que diante de uma longa carreira histórica esta modalidade não tem superado algumas deficiências no que diz respeito às práticas de ensino de alguns educadores desta modalidade, interferindo assim no que diz respeito aos direitos dos sujeitos a uma educação voltada para a liberdade de expressão e comunicação, esquecendo assim o trabalho coletivo e o mais relevante, a troca de conhecimento de acordo com o meio social em que esses sujeitos estão inseridos.

Desse modo, a concepção de aprendizagem desses professores ainda retrata a nossa educação antepassada em que o conhecimento era instantâneo, ou seja, imediato e acabado, sem nenhuma reflexão sobre o que foi posto e discutido.

Sendo assim, a leitura de mundo que Freire aborda nas suas obras nos faz refletir sobre todas as práticas apresentadas e trabalhadas diante de uma metodologia sem embasamento teórico crítico. Essa postura docente pode nos levar às práticas enfadonhas, rotineiras e distintas da realidade dos educandos, distante dos alunos da EJA que apresentam interesses tão distinto. Segundo Freire

Respeitar a leitura de mundo significa torná-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humanidade de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento. É preciso que, ao respeitar a leitura de mundo do educando para ir mais além dela, o educador deixe claro que a curiosidade fundamental à inteligibilidade do mundo é histórica e se dá na sua história, se aperfeiçoa, muda qualitativamente, se faz metodicamente rigorosa. (...) No fundo, o educador que respeita a leitura de mundo do educando, reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, desta forma, recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica. (1996, p.139)

2.2 A escola como espaço de transformação social

A escola tem recebido uma diversidade de sujeitos que, de uma forma ou de outra, interagem no meio escolar como protagonista de uma história mutável. É desta forma que a educação deve caminhar, absorvendo e interagindo com esses sujeitos diversos, valorizando a multiculturalidade da sociedade.

Desde Freire, a educação de jovens e adultos vem traçando seu caminho para uma educação que democratize o seu acesso, seus métodos e conteúdos e que, acima de tudo, eduque com liberdade, comprometendo-se com a transformação da realidade social, econômica e cultural dos humildes.

É esse objetivo que a escola e os professores devem tomar como ponto de partida para a inclusão desses sujeitos, usando formas coerentes de práticas pedagógicas para que o conceito do conhecimento seja difundido a partir do conhecimento dos vários sujeitos e do seus saberes, buscando analogia com os conhecimentos científicos. De acordo com Freire

O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, "desarmada", indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. (1996, p.38)

Na verdade as escolas públicas, e em particular a educação de jovens e adultos, precisam mover-se para expor um novo fazer pedagógico acompanhado de conhecimentos, que diz respeito ao mundo dos sujeitos envolvidos, o qual ajudará na construção do saber sistematizado.

É relevante que o professor mantenha o diálogo aberto com seus alunos, procurando e entrevistando-os sempre que for preciso a respeito do que sabem e o que não sabem, tentando descobrir as possibilidades e limitações da sua turma, bem como qual o melhor método para a condução do seu próprio trabalho.

Em outra ocasião é preciso também que a escola prepare e assuma o compromisso de educar para a vida, pense nos seus alunos da educação de jovens e adultos como protagonistas do ambiente escolar e não como objetos de um processo de ensino, mas como sujeitos capazes de adquirir um conhecimento que seja útil no seu cotidiano.

3. O Caminho Metodológico

Procedimentos Metodológicos

A escolha do tema para estudo surgiu através de indicações de colegas que trabalham na modalidade de educação de Jovens e Adultos. Além disso, a opção por estudar um tipo de educação voltada para as classes populares se dá por motivo de grande interesse em compreender como acontece o processo de ensino aprendizagem e as dificuldades encontradas para atender as necessidades dos alunos jovens e adultos.

A escola selecionada para a pesquisa se justifica pelo fato de ser uma escola pública e do professor da modalidade de ensino contribuir com seus conhecimentos a favor da pesquisa, favorecendo a coleta de dados, facilitando, desta forma, a aquisição de dados

que resultarão na sistematização das informações que respondem às questões e objetivos levantados para a realização desta pesquisa.

Este estudo foi realizado com 01 professor e 05 alunos do 1º segmento da Educação de Jovens e Adultos da escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Crispim Coelho, que fica localizada na cidade de Cajazeiras - PB.

Como instrumento de coleta de dados, optamos pelo questionário com questões direcionadas aos professores de EJA e pela entrevista para colher os dados de pesquisa relativos aos alunos no que diz respeito as suas dificuldades de aprendizagem, sobretudo a aquisição de informações que contribuam para refletir sobre a prática docente e os suportes pedagógicos e metodológicos da modalidade de educação de jovens e adultos.

Com o questionário dos alunos obtivemos dados de identificação pessoal de cada educando, tais como: idade, desempenho escolar, sexo e estado civil. Para as entrevistas elaboramos um roteiro orientador de perguntas, possibilitando a interação com o entrevistado para obtenção de maior clareza nas respostas.

Um estudo dessa natureza possibilitará um maior aprofundamento com o tema em pesquisa, que conduzirá o entendimento a uma nova concepção a respeito da problemática estudada. Para interagir como conhecedor das dificuldades apresentadas pelo professor, é que a metodologia se pautou, num primeiro momento, em visitas à escola para observarmos como estão sendo desenvolvidas as práticas pedagógicas e juntamente com essas práticas as metodologias aplicadas em sala de aula.

Em seguida realizamos uma entrevista com uma amostra de 05 alunos, a fim de colher dados relevantes para o desenvolvimento desta pesquisa. Essa pesquisa se caracteriza como exploratória e qualitativa. Conforme MINAYO

A pesquisa qualitativa responde as questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, como um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalizações de variáveis. (1994, p.21)

O questionário foi composto de dez questões, sendo sete questões fechadas e três abertas, buscando apreender a visão dos alunos acerca da escola e sobre o seu interesse e permanência em sala de aula.

Por outro lado as três questões abertas tratam de como são trabalhadas as atividades em sala de aula e se são satisfatórias para a aprendizagem dos alunos deste segmento. O questionário, de acordo com Pádua (1998, p.156), “é o instrumento de pesquisa mais adequado à quantificação, porque é fácil decodificar e tabular, propiciando comparação com outros dados relacionados ao tema pesquisado.”

Para a análise dos dados, foram utilizados referenciais teóricos que serviram de base para o aprimoramento e a compreensão de questões relevantes sobre o tema pesquisado no que se refere à superação das dificuldades de aprendizagem dos alunos da Educação de jovens e Adultos.

Para tanto, os dados obtidos nas entrevistas contribuíram para dar sustentação à pesquisa, no sentido de ter um conhecimento mais amplo sobre o perfil educacional dos alunos e a prática docente da educação de jovens e adultos. Neste caso, utilizamos no decorrer da pesquisa suportes metodológicos fundamentados na visão de alguns autores, entre eles Paulo Freire, que proporcionaram um desempenho satisfatório na realização da pesquisa.

Das informações obtidas nas entrevistas, selecionamos as partes mais significativas que melhor traduzem a concepção dos sujeitos participantes acerca da problemática em estudo. Nessa perspectiva, mediante o exposto fica evidente que a referida pesquisa é considerada um estudo de caso, pois, conforme Gonçalves

O estudo é de tipo de pesquisa que privilegia um caso particular, uma unidade significativa, considerada suficiente para análise de um fenômeno. É importante destacar que, no geral, no estudo de caso, ao realizar um exame minucioso de uma experiência, objetiva colaborar na tomada de decisões sobre o problema estudado. (2003, p.67)

Desse modo, a realização deste estudo surgiu, sobretudo, da necessidade de encontrar meios que possam contribuir e facilitar para a escolaridade e alfabetização dos Jovens e Adultos.

3.1.1 Caracterização da Escola

Pode-se perceber pelos dados colhidos que a escola E.M.E.I.E.F. Crispim Coelho oferece para a comunidade local o Ensino Infantil, Fundamental dos anos iniciais e finais e Educação de Jovens e Adultos para o 1º e 2º segmentos. Neste contexto a escola está aberta para atender principalmente a comunidade carente, onde se tem percebido uma heterogeneidade na clientela quanto às condições econômicas e sociais e que sua clientela provem dos bairros mais próximos como: São Francisco, Santo Antônio, Tecedores e Capoeiras. Essa escola foi reconhecida pelo Conselho Municipal em 30 de outubro de 1988. Seu nome se deu em homenagem ao doador do próprio terreno em que a escola hoje é situada, o Professor Crispim Coelho.

A mesma possui uma área física de 417,25 m², tendo as seguintes dependências: seis salas de aula, uma cozinha, três banheiros, uma sala que funciona como secretaria e direção onde fica o corpo de gestores e supervisor da escola, um pequeno pátio, um depósito e uma sala onde funciona a biblioteca da escola e sala dos professores.

Pode-se perceber que o nível econômico e sócio-cultural dos alunos é diferenciado, pois uns pertencem a uma classe média baixa, enquanto outros são oriundos de família de classe popular com um nível de pobreza bastante acentuado. Quanto à estrutura familiar desses alunos, esta apresenta séria problemática, acarretando dificuldades, tais como o não-estímulo para com a escolarização, bem como problema de moradia precária e de afetividade, principalmente na Educação de Jovens e Adultos, propiciando a evasão escolar.

De fato, a escola tem tentado superar os problemas que a envolve a partir da construção de projetos que dão subsídios para a escolarização desse alunado que, de uma forma ou de outra, fica a mercê de uma sociedade excludente. Entre os projetos que constam no PPP da escola, podem ser citados: Brincando Também se Aprende Leitura Volante na Escola; alternativas diversas, O meio Ambiente como sua casa, Educação de jovens e Adultos: Uma Perspectiva Freireana e Conviver é Preciso: viva bem.

Diante desses projetos, a escola ainda tem desenvolvido outras e diferentes ações, tais como:

- A realização de reuniões bimestrais com os pais ou responsáveis para o acompanhamento do rendimento dos alunos.
- Realização de palestras com parcerias com outros órgãos envolvendo temas que serve de alerta para pais e filhos em relação o respeito.
- Oficinas com os pais, trabalhando temas relevantes que vão de encontro com a problemática.

Outro ponto que não podemos deixar de relatar são os sábados temáticos que movimentam mensalmente toda a escola, indo de encontro com interesses da comunidade escolar. Nestes são reunidos professores, pais e responsáveis dos alunos e o corpo de apoio da referida escola, buscando trabalhar as relações interpessoais dentro e fora da escola, desenvolvendo melhor o processo de ensino-aprendizagem.

3.2 Análises dos questionários aplicados aos alunos

Nesta parte do estudo teremos a análise dos questionários aplicados a uma amostra composta por (05) alunos do 1º segmento da EJA. Estes alunos pertencem a uma turma multiseriada composta de educandos com níveis de aprendizagem diferentes.

De início apresentaremos as análises referentes às questões fechadas do questionário que totalizam sete questões respondidas por alunos. Tais questões permitiram aos alunos discutir a respeito das suas expectativas no que diz respeito a sua escolaridade, tendo como foco as dificuldades encontradas no seu processo de

alfabetização. Logo após apresentaremos e analisaremos as três questões abertas que dão conclusão ao questionário. Nestas, os alunos discutem mais enfaticamente sobre as dificuldades acerca da leitura e da escrita.

No tocante à primeira questão feita aos alunos, estes responderam sobre as suas expectativas para com a modalidade de ensino EJA. Entre os cinco alunos entrevistados, três responderam que estão na EJA por que desejam aprender a ler e a escrever. Os outros dois alunos afirmaram que estão estudando na EJA por que desejam ter um diploma. Pode-se perceber a partir de tais respostas que a escola ainda traz consigo a marca de uma instituição que tem um papel social importante, todavia, esse papel quanto favorecer aprendizagens torna-se desvalorizado na medida em que parte dos estudantes não coloca em primeiro plano a aquisição de aprendizagens e sim, o diploma, que infelizmente nos dias atuais não significa garantia de tais aprendizagens escolares.

A segunda questão interroga os alunos a respeito do que estes fizeram em termos de escolaridade antes de ingressar na EJA. Dois alunos responderam que participaram do Programa Brasil Alfabetizado, mas que não acharam proveitosos e nem aprenderam a ler neste Programa. Já um dos alunos respondeu que nunca estudou e é por isso que está tentando aprender a ler e escrever agora. Dois alunos responderam que deixaram de frequentar as aulas faz muito tempo e resolveram tentar novamente. Desse modo, percebe-se que o processo de exclusão escolar no seio das camadas populares assume diversos modos e circunstâncias.

No caso em análise, os alunos da EJA apresentam três situações diferentes que justificam o seu analfabetismo na fase adulta. Assim, em primeiro lugar temos o caso em que alunos desistem de estudar e o Estado parece se desincumbir da sua responsabilidade no tocante à escolarização enquanto direito e enquanto obrigatoriedade. No segundo caso, temos a ineficiência dos programas emergenciais que ainda vigoram nas políticas para a EJA, muito embora, ao longo da história da educação brasileira se tenha comprovado tal insuficiência. E por fim, temos o caso da falta de oportunidade mesmo para o acesso e para a permanência na escola.

Outro aspecto importante percebido é que os alunos entrevistados são pais de alunos que estudam ou que já estudaram na escola regular e o principal motivo para

retornarem à escola na modalidade EJA, é que acreditam que se escolarizando podem dar suporte aos filhos nas atividades escolares, estimulando-os e de certo modo, na condição de estudantes, servem de referência para seus filhos, tornando-se subjetivamente exemplos a serem seguidos pelos filhos.

Com relação à terceira questão apresentada, esta se refere a como os alunos se sentem freqüentando uma sala de aula da EJA. Quatro dos alunos responderam que se sentem diferentes dos outros. Essa diferença é normal quando não se configura como inferioridade ou como exotividade, haja vista que a EJA é um modalidade de educação, o que a diferencia da educação infanto-juvenil regular. Na própria literatura pedagógica sobre a EJA vemos que um elemento importante é a caracterização dos alunos da EJA, pois estes têm especificidades e características que os distinguem dos estudantes que acompanham a regularidade idade-série na educação básica regular.

Outra observação importante é que estes comentaram também que muitas vezes, entre os colegas de turma de EJA, os que já estão mais adiantados no processo de aquisição da leitura e da escrita, e que já sabem ler, não têm paciência com aqueles que ainda estão atrasados nesse processo e não sabem ler e escrever e que por isso demandam mais tempo e atenção da professora. Os alunos alegam que tal impaciência termina por atrapalhar, às vezes, o trabalho da professora e conseqüentemente a aprendizagem dos que ainda não sabem ler e escrever.

Por outro lado, um dos alunos respondeu que se sente acolhido, pois a professora é compreensiva e nos incentiva em aprender e a não faltar às aulas. Outro aluno comentou que a escola, principalmente a turma que forma uma sala de aula, é uma família, pois na sala de aula se tem momentos para discussão sobre as atividades e sobre os conteúdos escolares, além das brincadeiras que também são muito importantes. Podemos pensar juntamente com Freire sobre a importância do acolhimento do sujeito da EJA na direção da sua escolarização, aprendizagem e humanização. Para este autor

Não há outro caminho senão a da prática de uma pedagogia humanizadora. Em que a liderança revolucionária, em lugar de si sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase "coisas" com eles estabelece uma relação dialógica permanente. (FREIRE, 2005, p.63)

Quanto ao fato de um dos alunos assinalarem a importância do incentivo da professora para não faltar às aulas, vale salientar que a evasão causada por faltas sucessivas é uma constante na EJA. Entre os motivos que provocam as faltas, o maior inimigo em relação à frequência dos alunos em sala de aula é a carga de trabalho muitas vezes extenuante e tipo de trabalho que estes desenvolvem, caracterizando-se como trabalho pesado, além dos problemas financeiros e econômicos, pois os alunos enfrentam diariamente uma rotina exaustiva de trabalho e muitas vezes todo esse esforço não chega sequer a ser suficiente para o sustento da sua família.

A pergunta seguinte foi sobre como o aluno considera a sua participação em sala de aula. Sendo assim, quatro alunos responderam que procuram aproveitar o máximo possível das aulas. E pelas respostas escolhidas, um dos alunos respondeu que procura escutar as explicações do professor com muita atenção. Isso significa que para esses estudantes a participação do aluno na sala de aula ainda se dá de maneira passiva, não se estabelecendo na sala de aula a dialogicidade, tão defendida por Paulo Freire como metodologia e como princípio para a aprendizagem em experiências formadoras como jovens e adultos.

A quinta questão se refere aos motivos que os levaram a procurar a EJA. Dois alunos responderam que procuraram a EJA para correr atrás do tempo perdido, tempo em que ficaram sem estudar. Os outros três alunos responderam que era para sair do ambiente pesado de casa. Sendo assim, pode-se perceber que de uma forma ou de outra a escola ainda é um refúgio onde os marginalizados pela sociedade são acolhidos tentando encontrar caminhos viáveis para seguir a vida em patamares melhores, seja no que diz respeito às condições de trabalho e de relações familiares, seja ainda para conquistar o direito de ser cidadão dotado de conhecimentos.

Em relação à sexta questão, perguntamos sobre a opinião do aluno sobre se a escola tem se mostrado um ambiente propício para a modalidade de ensino da EJA. Pelas respostas suscitadas, quatro alunos responderam que as atitudes da escola ainda não são o que os mesmos esperavam em relação a essa modalidade. Já dois alunos responderam que a escola tem dado importância a sua aprendizagem de leitura e escrita.

Neste sentido, por um lado a escola precisa compreender quais são as necessidades e disposições do alunado para a aprendizagem, assim, estes desenvolverão uma impressão positiva da escola no que tange à modalidade EJA. Por outro lado, no tocante à escolarização, vale salientar que os alunos se sentem de uma forma ou de outra, capazes de aprender os saberes escolares e percebem como as atividades didático-pedagógicas estão direcionadas a eles, objetivando colocá-los no mundo com uma nova perspectiva, com novos horizontes.

A questão de número sete aborda o que os alunos da modalidade EJA entendem por aprender a ler e a escrever. Dois alunos responderam que aprender a ler e a escrever é saber reconhecer as letras e conseguir ler para poderem fazer cartas, bilhetes, as compras de casa, ler a receita de um remédio. Entre as habilidades e competências sociais advindas da capacidade de ler e escrever, a mais importante para eles é saber quanto ganham todos os meses. Os outros três alunos responderam que saber ler e escrever é ler tudo o que está no mundo.

As duas perspectivas destacadas pelos alunos demonstram que estes têm uma visão de leitura que extrapola a sua função meramente decodificadora, assumindo funções sociais que se inserem na perspectiva assumida por Magda Soares, entre outros autores, que trabalham com a noção de letramento, ou mesmo, na perspectiva de leitura elaborada por Paulo Freire quando se refere à leitura da palavra e a leitura do mundo.

Sendo assim, pode-se perceber que a leitura para esses alunos é uma atividade de fundamental necessidade para as suas atividades diárias e que sua maneira de pensar sobre a leitura e escrita não se resume na mera alfabetização enquanto reconhecimento e junção de letras formadoras de frases.

Sobre a oitava pergunta, esta se refere sobre o que os alunos mais gostam de ler quando estão na escola. Entre os pesquisados, um respondeu que gosta de ler os textos que a professora escreve no quadro, contando como uma lição de vida. Outros três responderam que gostam de ler os panfletos das propagandas de lojas da cidade, que mostram o preço das mercadorias. Outro aluno respondeu que gosta de ler os livros da escola.

Assim, conhecendo as repostas dos alunos podemos perceber que o interesse pela leitura vem através de leituras de textos, independentes dos suportes de leitura que aloquem o texto escrito/lido, que motivem a vida cotidiana dos mesmos e, com essa motivação em que os textos tragam para esses alunos formas de estímulos.

Já na questão seguinte, perguntamos que significado a escola representa para a escola. E (04) dos alunos responderam que significa a minha segunda casa, onde podemos contar com a professora que conversa e nos ensina a ler e escrever. E (01) dos alunos responderam que a escola significa o lugar de aprender e se formar.

Na décima questão, a pergunta suscita a opinião dos alunos sobre se as aulas ministradas pelo professor trazem atividades que ajudam a vencer suas dificuldades no seu dia a dia e como o professor ministra tais aulas. Dois alunos responderam que algumas são um pouco difíceis, mas que mesmo assim conseguem superar as dificuldades sentidas. Três alunos responderam que as atividades, na maioria das vezes, são boas, pois os ajuda a resolver situações do dia-a-dia, como resolver problemas e orientam na compra alimentos bons para a saúde. Nessa perspectiva, Almeida salienta que:

A leitura é um processo no qual o leitor aprende a desenvolver suas habilidades com o uso da própria de modo significativo. Ao receber informações escritas, o leitor utiliza estratégias para compreender um texto e, através disso. Pode refazer seu pensamento e usar esse conhecimento em sua prática social. (2004, p.21)

Mediante todas as questões respondidas, percebeu-se que o processo de ensino e aprendizagem da leitura desenvolve nos alunos da EJA uma forma diferente de enxergar o mundo, vendo outros caminhos para chegar ao conhecimento, caminho esse que passa pelo aprendizado de conhecimentos empregados no seu dia-a-dia.

Sendo assim, podemos constatar que as perguntas por nós elaboradas e direcionadas aos alunos mostraram que, apesar da inibição dos sujeitos pesquisados, esses colocaram que estudar e ser alfabetizados se converte em algo importante para a sobrevivência.

Considerações Finais

Com base em nosso estudo que se consubstanciou no desenvolvimento deste trabalho monográfico, podemos ressaltar através da leitura que fizemos da literatura sobre a EJA e a pesquisa empírica que empreendemos que a teoria sobre a EJA, no decorrer das últimas décadas, alcançou avanços qualitativos. Esses avanços dizem respeito a um maior interesse das instituições de ensino e dos educadores em adotar novos métodos e instrumentos de ensino que se adéquem melhor à realidade social dos jovens e adultos.

Neste sentido, o ensino na modalidade da EJA se traduz em níveis de educação que abrange positivamente o acesso a toda sociedade a uma aprendizagem que contribuirá para o desenvolvimento humano e o bem estar das futuras gerações.

Apesar de todo avanço da Educação de Jovens e Adultos, a realidade é que muitos indivíduos continuam excluídos do processo de escolarização. Entre tais indivíduos podemos destacar: os idosos, as populações migrantes, deficientes, jovens e adultos das camadas populares e grupos prisioneiros. Portanto, o que pode ser feito é, sobretudo, oportunizar a todos os excluídos o acesso a instituições escolares das redes municipais e estaduais de ensino e programas educativos que sejam capazes de satisfazer as necessidades desses excluídos, favorecendo a participação cidadã de todos na sociedade.

Neste sentido, o objetivo geral desse trabalho foi analisar as dificuldades dos alunos em relação à alfabetização de jovens e adultos. A pesquisa nos revelou que as tarefas realizadas para conseguir os resultados almejados no processo de alfabetização de jovens e adultos se fundamentam em atividades interdisciplinares direcionadas para o cotidiano dos alunos. Desta forma, podemos afirmar que o resultado do estudo realizado foi satisfatório, na medida em que nos possibilitou compreender o esforço individual de cada educando para enfrentar as dificuldades de aprendizagem, proporcionando-lhes o desenvolvimento de suas competências e habilidades em leitura, visando à conquista de um lugar digno na sociedade.

Portanto, os métodos utilizados pelo professor analisado para desenvolver as tarefas do processo de ensino são relevantes para alfabetizar jovens e adultos, compreendendo a especificidade e as características da prática de ensino na modalidade da EJA.

Em vista disso, os jovens e adultos demonstram ter elaborado um maior sentido para a sua educação, pois a alfabetização proporciona-lhes possibilidades de participação na vida social, cultural e política, além de lhes dar algum preparo para enfrentar o mundo do trabalho.

Referencias

- ALMEIDA, Nukácia (org.). **A língua na sala de aula: questões práticas para o ensino produtivo**. Fortaleza: Perfil Cidadão, 2004.
- ANTUNES, Celso. **Professor bonzinho, aluno difícil: A questão da indisciplina em sala de aula**. Petrópolis, Vozes, 2006.
- AQUINO, Julio R. Grupo. **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento** In: *Indisciplina na escola: Alternativas Teóricas e práticas* (org.) AQUINO, Julio R. Groppa. São Paulo, summus, 1996.
- BARRETO, Vera. Paulo. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.
- CASTRO, Ana Maria de Dias, Edmundo Fernandes (org). DUCKHEIM In: **Introdução ao pensamento sociológico** – São Paulo :Centauro , 2001. P. 205.
- CORDEIRO, Jaime. **O que nossas crianças devem aprender na escola para enfrentar os desafios do mundo novo**. (apud.)” O que as escolas precisam aprender.”: Globo, 23 Abril 2007 nº 466.
- FAVERO, Osmar. **Lições da história: Os avanços de 60 anos e a relação com as políticas de negação de direitos que alimentam as condições do analfabetismo no Brasil**. In: *Educação de Jovens e Adultos*. Petrópolis, Rio de Janeiro: DP ET Alii, 2009.
- FERNANDES, Dorgival Gonçalves. **Alfabetização de Jovens e Adultos: Pontos críticos e desafios**. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2004, p 262.
- FULGÊNCIO, Lúcio (etall.). **Como Facilitar a Leitura**. São Paulo, Contexto, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23ª Edição, Editora Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 36ª Edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 13ª Ed. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1992.
- GADOTTI, Moacy. **Educação e poder: “Pedagogia do conflito”**. In: *Pensamento Pedagógico Brasileiro*. São Paulo; summus, 1996.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre a iniciação á Pesquisa Científica**. Campinas, São Paulo. Editora Alínea, 2ª ed.2001.

GHIRALDELLI, Junior Paulo. **Historia da Educação Brasileira**, São Paulo: Cortez, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência Técnica e Arte: O desafio da Pesquisa Social**. Petrópolis, Rio de Janeiro; Vozes, 1994

NÓVOA, Antonio. **Formação de Professores e Trabalho Pedagógicos**. Lisboa Educa; 2002.

PAIVA, Jane e OLIVEIRA, Inês B. de (org.). **Educação**; Petrópolis, Rio de Janeiro; Coleção Pedagogia em ação, 2009.

PASSOS, Ferragut Laurizete. **A indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados** In: Indisciplina na Escola: Alternativas Teóricas e práticas (org.) AQUINO, Julio Groppa. São Paulo; summus 1996.

PERRENOUD, Philippe. **Organizar e Dirigir Situações de aprendizagem**. In: Novas Competências para ensinar: Porto Alegre; Artmed, 2000.

REGO, Tereza Cristina R. **Indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva Vygotskiana**. In: Indisciplina na escola: Alternativas Teóricas e Prática (org.) AQUINO, Julio Groppa. São Paulo. Summus, 1996.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar: por uma docência de melhor qualidade**. São Paulo. Cortez, 2001.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **História das Idéias de Paulo Freire**. 4ª edição João Pessoa; Ed. Universitária /UEPB, 2003.

Apêndice A

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE PEDAGOGIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CAJAZEIRAS-PB

Caro (a) Aluno (a):

Solicitamos a você aluno que responda o questionário que segue. O mesmo faz parte de um estudo sobre a educação de jovens e adultos, como requisito indispensável para a disciplina de Estágio Supervisionado em Docência, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande/PB.

Lembramos que as suas respostas serão usadas somente para fins acadêmicos e serão mantidas em absoluto sigilo.

Questionário:

1) Quais as suas expectativas para com essa Modalidade de Ensino?

- aprender a ler e escrever
- ter um diploma
- conhecer a escola e o professor
- fazer novas amizades

2) O que você fez a nível de escolaridade antes de ingressar na EJA?

- participou do Programa Brasil Alfabetizado
- deixou de freqüentar as aulas faz muito tempo
- nunca estudou
- cursou o ensino normal e não concluiu

3) Como você se sente freqüentando uma sala de Educação de Jovens e Adultos ?

- acolhido
- excluído
- diferente dos outros

4) Como você considera a sua participação em sala ?

- escuta as explicações do professor
- procura aproveitar o máximo possível das aulas
- não consegue entender o que o professor explica

5) quais motivos levou a você a procura desta modalidade de ensino ?

- para sair do ambiente pesado de casa ;
- correr atrás do tempo perdido;
- para adquirir um diploma ;
- aprender a ler e escrever;

6) Na sua opinião,a escola tem se mostrado um ambiente propicio para essa modalidade de ensino?

- dar importância a aprendizagem acerca da leitura e escrita dos adultos;
- não demonstra ser importante , pois essa modalidade não faz parte da escola;
- as atitudes da escola ainda não é o que esperava para com essa modalidade;

7) O que você entende por aprender ler e escrever ?

8) O que você mais gosta de ler quando está na escola?

9) Que significado a escola representa para você ?

10) Na sua concepção as aulas lecionadas pelo seu professor trazem atividades que ajudam a vencer dificuldades no seu dia-a-dia ? Como?
